



**Scyla Pinto Costa Pimenta**

**Histórias de lá e daqui:  
a representação do negro na literatura infantil brasileira**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico-raciais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação para as Relações Étnico-raciais.

**Orientador:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sueli da Silva Saraiva

**Redenção  
2016**

**Scyla Pinto Costa Pimenta**

**Histórias de lá e daqui:  
a representação do negro na literatura infantil brasileira**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico-raciais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação para as Relações Étnico-raciais.

Aprovada em 23 de junho de 2016

**Banca examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sueli da Silva Saraiva  
Instituto de Humanidades e Letras  
UNILAB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Regina Rodrigues  
Instituto de Humanidades e Letras  
UNILAB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Larissa Oliveira e Gabarra  
Instituto de Humanidades e Letras  
UNILAB

## **Agradecimentos**

Agradeço à equipe da Biblioteca Pública Municipal Rui Barbosa, Prof.<sup>a</sup> Lúcia Araújo e Prof.<sup>a</sup> Núbia Monteiro, que me apoiaram na pesquisa, ajudando e possibilitando prazos diferenciados na entrega dos livros, à técnica Andrea Alves, e às auxiliares Gilcineide Nascimento e Edenita Coutinho.

Todo carinho aos meus colegas de curso, em especial à malunga Renatinha Franco Ribeiro pelas trocas, risadas, reclamações e força. Os encontros presenciais foram momentos muito gratificantes com vocês.

Agradeço ao apoio dado por Fran, nossa tutora Francineide Goergen, que muito me fez continuar depois que a vinda para Bahia dificultou a minha vida de estudante. Socorro e Hélio também merecem meu agradecimento.

Agradeço a todos os professores, por terem preparado um material de estudo que nos fizesse ver a importância do tema estudado, mesmo em um curso a distância.

À minha família em Fortaleza, Fabinho e Nanai, todo meu amor.

À Prof.<sup>a</sup> orientadora Sueli Saraiva, meu muito obrigada pelas indicações e apoio.

## **Resumo**

Esta pesquisa busca analisar, em seus aspectos textuais e iconográficos, os personagens negros dos livros de literatura infantil escritos após 2003, ano da implementação da Lei 10.639, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médios. A Lei surgiu da demanda pelo fortalecimento da identidade afrodescendente através da valorização da contribuição da cultura africana na história do Brasil. Os debates e as mudanças educacionais propostos na Lei se voltam mais diretamente aos livros didáticos, porém também os livros de literatura são importantes instrumentos para a construção da valorização, reconhecimento e pertencimento do negro na sociedade brasileira. A pesquisa utilizou como amostra os livros do acervo da Biblioteca Municipal Rui Barbosa, em Valença, Bahia.

### **Palavras-chave:**

Relações raciais;

Literatura infantil;

Valença (BA).

## **Abstract**

This research seeks to analyze, in its textual as well as in its pictorial aspects, the Black characters featured in children's books written after 2003, when the Brazilian Federal Bill 10.639 came into effect, making the teaching of African and Afro-Brazilian history and culture mandatory in primary and secondary schools. The discussion and educational changes boosted by the passing of the Bill regard more closely textbooks, but children's books are also instrumental for the building of appreciation, of acknowledgement, and of a sense of belonging for Blacks in Brazilian society. The research took as a sample the children's books available at Municipal Library Rui Barbosa, in the city of Valença in the state of Bahia.

### **Keywords:**

Racial relations;

Children's books;

Valença (BA).

## Índice de ilustrações

Figura 1: Pretinha das Neves conversa com o tacho sobre conhecer o mundo fora do castelo.....	31
Figura 2: A princesa moderna também quer sair do castelo.....	31
Figura 3: Todos se encontram para comer panqueca perto do baobá.....	33
Figura 4: Cosme, o afro-baianinho (capa).....	39
Figura 5: Rufina (capa).....	39
Figura 6: Os Cabelos de Lelê (capa).....	40
Figura 7: A garota e o livro Países da África.....	40

# Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>1 Os cabelos de Lelê: marcas corporais de distinção e construção étnica nos livros infantis.....</b>	<b>12</b>
<b>2 Só um minutinho: breve etnografia sobre o meu reencontro com Lobato.....</b>	<b>16</b>
2.1 A polêmica sobre Lobato e o racismo.....	17
<b>3 Neguinho aí: a representação do negro nos livros infantis.....</b>	<b>24</b>
<b>4 O baú das histórias: análise dos livros encontrados na Biblioteca Municipal Rui Barbosa, em Valença.....</b>	<b>28</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>35</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>43</b>
<b>Fontes.....</b>	<b>46</b>

## Introdução

As análises em torno do tema da raça nas Ciências Sociais continuam importantes, sendo um campo privilegiado para o entendimento e representação do Brasil, como pode ser percebido na atualidade dos debates sobre desigualdades raciais, políticas de ação afirmativa, variabilidade e pertinência dos termos de classificação racial usados nos censos demográficos e em outros contextos acadêmicos e políticos. Embora a preocupação sobre o tema da raça seja antiga no Brasil, suas implicações políticas tornaram-se mais pulsantes após a afirmação oficial da existência do racismo feita, em 1995, pelo então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso. Naquele outubro em que os manifestantes da marcha de 300 anos de Zumbi exigiam medidas concretas de combate à discriminação racial, a afirmação do Estado de que reconhecia o preconceito de cor no Brasil, contrariando as noções de democracia racial ainda vigentes no país, abriu espaço para uma série de políticas específicas de superação de desigualdade (TELLES, 2003; DÁVILA, 2006).

Dessa contenda, e das demandas dela decorrentes, é que emergiu a promulgação da Lei 10.639, em 2003, buscando o fortalecimento da identidade afro-descendente através da valorização da contribuição da cultura africana na história do Brasil. Embora os debates e as mudanças educacionais para a implementação da Lei estejam mais direcionados aos livros escolares, também os livros de literatura aparecem como um instrumento importante para a construção da valorização, reconhecimento e pertencimento do negro na sociedade brasileira.

As políticas de ação afirmativa orientadas pela Lei 10.639/2003 objetivam a superação de uma situação de iniquidade que tem encoberto uma realidade racial amenizada pela ideia da democracia racial e dissimulada ao longo da história brasileira. Apoiadas nesta ideologia, a maior parte das produções literárias infantis do século passado apresenta personagens negros de forma depreciativa, pejorativa ou em situação de

inferioridade em relação aos personagens brancos, evidenciando a estrutura de preconceito racial existente na sociedade brasileira. Tais histórias, muitas vezes firmadas na perspectiva maniqueísta, trazem os personagens negros relacionados à maldade e à feiura, em um contexto de luta social em que os personagens brancos serão os vencedores e com isso terão suas qualidades de bondade e beleza enaltecidas. A partir dos debates surgidos na década de 1980, e mais fortemente a partir da Lei 10.639/2003, observa-se o aumento da produção de livros de literatura infantil que se diferenciam na abordagem sobre o negro e trazem novas representações sociais e de pertencimento étnico.

Esta pesquisa buscou observar alguns livros infantis que traziam personagens negros como personagens principais, e como eles eram retratados textualmente e iconograficamente. Os livros pesquisados fazem parte do acervo da Biblioteca Pública Municipal Rui Barbosa, que integra o Centro de Cultura Olívia Barradas (CCOB). Localizado no município de Valença, na Bahia, o Centro de Cultura, inaugurado em 1986, é um espaço cultural administrado pela Diretoria de Espaços Culturais da Secretaria da Cultura da Bahia e tem grande importância na programação artístico-cultural da cidade. Valença, cidade localizada a 260 km de Salvador, capital do estado, é uma cidade negra — no último censo, foi assim que 81,3% dos seus 88.673 habitantes se autodeclararam; sendo 20,1% pretos e 60,2% pardos (IBGE, 2011).

A Biblioteca foi reinaugurada em 1990 e conta com um razoável acervo de livros didáticos, enciclopédias, livros de literatura e poesia, construído através de doações dos moradores da cidade. Apesar de ser basicamente usada pela comunidade local para a realização de pesquisas escolares, muitos usuários tomam emprestados livros de literatura e poesia.

No momento das minhas primeiras visitas à Biblioteca Municipal, em fevereiro de 2016, esta estava passando por uma mudança na equipe de professores responsáveis e por uma reorganização do uso das estantes, de modo que muitos livros estavam encaixotados. Não há bibliotecários lotados no equipamento; a prefeitura nomeia dois professores da rede

municipal para assumir as atividades de atendimento, projetos e eventos. Apesar de usarem a catalogação decimal universal (CDU) e da existência de um computador com um aplicativo em que constam todos os livros existentes no acervo, não existe uma entrada para busca de livros infantis, dificultando a definição do número exato desses livros existentes no acervo.

No dia que fui fazer a triagem de acordo com o critério pretendido — protagonistas negros — a estante de literatura infantil era pequena, com apenas três prateleiras contendo em torno de 200 obras. Encontrei 59 livros que atenderam aos critérios da pesquisa: livros infantis que tivessem negros entre os personagens, podendo ser ou não os seus protagonistas. Alguns foram incluídos por ter os termos “negro”, “preto” ou “africano” no título, outros por terem personagens que, embora não fossem textualmente descritos como negros, estavam assim representados nas ilustrações.

Foram esses os livros que compuseram a amostra para análise, realizada entre março e maio. Posteriormente, com a biblioteca rearrumada e seu acervo de mais de 400 livros infantis e infanto-juvenis nas estantes, encontrei outros livros que poderiam ser incluídos na pesquisa, tais como *Histórias de Preta*, de Heloísa Pires Lima, um dos poucos livros encontrados cuja personagem negra é a própria narradora. Infelizmente, por questões de prazo não foi possível estender a pesquisa para incluir esses novos achados.

O texto está dividido em quatro capítulos. No primeiro, *Os cabelos de Lelê: marcas corporais de distinção e construção étnica nos livros infantis*, examino a relação entre a corporalidade e a construção da subjetividade, considerando os marcadores raciais e os significados sociais da diferença. No segundo, *Só um minutinho: breve etnografia sobre o meu reencontro com Lobato*, abro parênteses para fazer uma rápida discussão sobre meu reencontro com os livros infantis de Monteiro Lobato, no contexto da polêmica envolvendo a denúncia de conteúdo racista em sua obra, em 2010. No terceiro capítulo, *Neguinho aí: a*

*representação do negro nos livros infantis*, retomo a história da literatura infantil no Brasil no que diz respeito à representação de personagens negros. Finalmente, no último capítulo, *O baú das histórias: análise dos livros encontrados na Biblioteca Municipal Rui Barbosa, em Valença*, analiso os aspectos textuais e iconográficos dos livros incluídos na amostra. Os nomes dos capítulos fazem referência a títulos de alguns livros pesquisados.

## **1 Os cabelos de *Lelê*:<sup>1</sup> marcas corporais de distinção e construção étnica nos livros infantis**

---

Pensar as relações de raça a partir dos textos literários infantis implica levantar algumas questões a respeito da corporalidade. Isto porque o viés da corporalidade nos orienta a perceber a raça como locus de distinção, em que a relação se dá a partir da cor da pele que classifica a posição de brancos e negros no Brasil, mas que também a excede. Merleau-Ponty (1996) observa que é através do mundo que se tem consciência do próprio corpo. Por sua vez, Barth (1998) chama a atenção à importância de “marcadores”, tanto “naturais” quanto “culturais”, no processo de estabelecimento e manutenção de fronteiras sociais numa situação interétnica. Por sua vez, Cunha (2009) aponta para a acentuação de determinadas características culturais de modo a constituí-los como traços diacríticos, o que ocorre em paralelo a uma simplificação da “bagagem cultural” nos grupos marcados como étnicos em uma sociedade envolvente. Dessa forma, os traços distintivos, que marcam as fronteiras étnicas, são chamados a condensar simbolicamente a cultura do grupo.

A literatura infantil, que normalmente é vista apenas como essencial ao processo de aprendizagem da escrita e leitura, se revela importante também para o processo de incorporação da vida social devido a seu caráter simbólico e sua propensão a absorver elementos da ideologia dominante na sociedade em que está inserida, naturalizando-as. Abramovich (1997) observa que, por consolidar valores culturais e morais, o texto literário pode, através da representação iconográfica e da carga simbólica que a acompanha, reforçar valores eurocêntricos através de uma visão estereotipada do negro e sua cultura. O simbolismo dos textos escritos e iconográficos pode fortalecer ou modificar os estigmas e estereótipos, decorrentes das relações de raça no Brasil, e que são

---

<sup>1</sup> BELÉM, Valéria. *O cabelo de Lelê*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

comumente vivenciados pelas crianças que os leem. De acordo com Rosemberg (1985) a literatura infantil é um campo eficaz para perpetuar valores sociais convencionados, sendo portanto ideológica como toda literatura ou arte, não podendo ser vista apenas como produto cultural.

Bourdieu (1983) observa que a compreensão do mundo — ou os sentidos e consensos a respeito das relações sociais — se dá através de lutas pela manutenção do poder de classificar e definir os princípios de visão e divisão do mundo social. Os espaços sociais comportam vários campos de luta — cultural, econômico, educacional, racial, etc. — em que a posição dos sujeitos é determinada a partir da posse dos capitais correspondentes buscando construir a visão de mundo e deter as estratégias de divisão, que poderão manter ou modificar o próprio espaço. Para uma visão de mundo se consolidar é preciso que o mesmo sistema de ação e de interpretação seja compartilhado, logo é preciso conhecimento e reconhecimento. As relações interpessoais são para além de relações entre um indivíduo e outro, pois ali está presente a posição atual e passada da estrutura social em que vivem.

O espaço social é onde ocorrem as lutas simbólicas pelo direito de construir a enunciação (representação e classificação do mundo), concebendo hierarquias entre pessoas e grupos a partir das posições que ocupam e da posse de determinados capitais. Enquanto enunciação, o poder simbólico presentifica e confirma o dito em sentido prático — estilos de vida, julgamentos políticos, morais, estéticos — de orientação no mundo. A literatura infantil se enquadra nesse espaço simbólico de enunciação, que funciona como formadora de consciência, a partir do momento que a relação com os personagens conduz à vivência de um certo tipo de “conhecimento” que é vivenciado cotidianamente. O padrão que a literatura oferece pode permitir ou não a identificação.

Elias e Scotson (2000) observam que as noções de pertencimento e exclusão são instituídas através de manobras de poder que marginalizam através do mau uso de imagem coletiva do outro grupo. O pertencimento, visto como um valor, gera coesão interna ao grupo que dita um estilo de

vida e valores que são reconhecidos e reproduzidos como um conjunto de normas e tradições vistas como as melhores. Os sinais de pertença ao grupo conferem poder e distinção, enquanto os sinais de exclusão atribuem estigmas de despossuidores de valor. Valor e estigma se contrapõem por meio da imposição de uma crença de um modelo explicativo do mundo, uma figuração que é acreditada como universal.

Como os critérios de classificação, de si e dos outros, nunca coincidem perfeitamente, algumas artimanhas são comumente usadas na busca de alcançar um consenso, como por exemplo a “naturalização” de alguns elementos sociais que, sendo assim nomeados, perdem sua característica de imposição e aparecem naturalizados, e passam a ser vistos como anteriores ao processo das lutas simbólicas. Nesse sentido, podem ser aproximados do conceito de “marcadores” de Barth (1998). Aqui pode-se pensar o ponto onde as construções sobre as relações raciais aparecem naturalizadas, pois os marcadores que assinalam as diferenças precisam ser vistos e reconhecidos, e as desigualdades precisam ser legitimadas. Nesse sentido, as relações raciais no Brasil podem ser pensadas como decorrentes das lutas pelo monopólio e manutenção de classificação de mundo:

As lutas a respeito da identidade étnica e regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhe são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer grupos. (Bourdieu, 2004, p. 113).

Pertencer a um lado ou a outro de uma dada classificação coloca os sujeitos frente a permissões ou proibições; nesse campo específico, o da raça, isso se dá através de sinais corporais (aspectos fenotípicos e modos de ser com o corpo). Essa concepção aponta para o conceito de fronteira

étnica em Barth (1998). Pondo o mundo social como natural, as oposições e desigualdades também assim ficarão, e a posição que se ocupa no campo passa a ser vinculada com o que é ou não permitido. Os traços físicos funcionam como sinal de distinção e são tornados naturais, dificultando a percepção da violência simbólica que estigmatiza os que ficam do outro lado da classificação.

Afixar um rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter a sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na autoimagem desse último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo (Elias; Scotson, 2000, p. 23-24).

As imagens estigmatizantes, sejam escritas ou iconográficas, podem ser amenizadas ou desfeitas quando as desigualdades sociais diminuem, podendo gerar uma contraestigmatização por um processo de afirmação das características vistas como estigmatizadas. De acordo com Elias e Scotson (2000), as figurações em que as diferenças físicas aparecem apoiando um estigma, serve como um reforço naturalizado para o reconhecimento social das diferenças.

De forma mais difusa, pode-se perceber na história dos movimentos antirracistas em todo o mundo, do âmbito político ao acadêmico, uma orientação persistente de contraestigmatização do símbolo “África”, ou seja, dos significados atribuídos ao continente africano, sua história, sua população, seu futuro, e seu lugar no mundo, sempre intrinsecamente relacionados à noção de raça, do discurso de senso comum à própria constituição do conhecimento europeu contemporâneo (Mudimbe, 2013; Appiah, 1997; Mbembe, 2001; Macamo, 2003).

## **2 *Só um minutinho:*<sup>1</sup> breve etnografia sobre o meu reencontro com Lobato**

---

Atualmente, nas redes sociais vem ocorrendo um fenômeno cada vez mais frequente, as listas de livros, filmes, cordéis, poesias realizadas e voltadas para um público negro. Visando de modo geral um conhecimento histórico e de modo mais particular um empoderamento, muitas vezes eram postadas por pais negros que buscavam compartilhar a notícia da existência desse material e até buscar dicas de como encontrar tais livros para seus filhos. Nos comentários ficava claro que era uma busca de pais, em sua maioria negros, por livros que fortalecessem a identidade de seus filhos. Essa pesquisa teve o seu embrião no contato com algumas dessas listas que indicavam livros infantis com presença positiva de personagens negros em um momento em que retomava minhas leituras de livros de Monteiro Lobato para acompanhar meu enteado em suas leituras escolares, visto que todos os livros indicados pela escola eram desse autor.

Dos livros de Lobato com que tive contato nos anos de 2014 e 2015 (*O Pica Pau Amarelo, Reforma da Natureza, Histórias de Tia Nastácia, Peter Pan, A Chave do Tamanho e Dom Quixote das Crianças*), nenhum tinha notas explicativas ou orientações de leitura a respeito das questões racistas ou de estereótipos aos negros e cultura africana, mas em todos eles em algum momento uma característica física ou psicológica dos personagens negros era colocada em questão, muitas delas por meio de enunciados proferidos pela boneca Emília.

Na minha infância, o meu primeiro contato com Lobato foi pela TV. Embora de alguma forma os personagens do *Sítio do Picapau Amarelo* fizessem parte do meu imaginário infantil, foi pelo seriado veiculado pela Rede Globo (1977-1986) que as histórias e a caracterização das personagens me foram apresentadas de modo mais contundente. Na

---

<sup>1</sup> MORALES, Yuyi. *Só um minutinho: um conto de esperteza num livro de contar*. São Paulo: FTD, 2006. (Arca de Noé).

época busquei apenas o *Reinações de Nazinho* (1931), que li e em que me assustei com algumas caracterizações mais lobatianas dos negros, principalmente ao modo em que Emília se referia aos lábios de Tia Nastácia, “eu cortava um pedaço desse beijo” (*Reinações de Nazinho*, p. 36).

Ainda que nessa época tais discussões não tenham sido polemizadas, o fato é que retornei apenas ao seriado televisivo. Neste, Narizinho não tinha uma pele tão morena cor de jambo, quanto no livro, mas tinha o cabelo cacheado, e o Pedrinho era representado por um ator de pele morena e lábios grossos. As cruezas em relação aos personagens negros (Tia Nastácia, Tio Barnabé, o Saci) foram suavizadas nas falas da Emília. Na década de 1990 o seriado retornou em outra gravação em que vemos Narizinho e Pedrinho ainda mais brancos e as marcas racistas no trato de Emília com Tia Nastácia ainda mais sutis. Quando, em 2010, estourou a polêmica a respeito dos livros de Lobato foi essa lembrança ainda de infância que me retornou à mente.

## **2.1 A polêmica sobre Lobato e o racismo**

O debate iniciou quando o pesquisador Antônio Gomes da Costa, na época mestrando da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa Educação das Relações Raciais, fez uma denúncia ao Conselho Nacional de Educação sobre o conteúdo racista no livro de *Caçadas de Pedrinho* (1933), distribuído às escolas públicas através do Programa Nacional Biblioteca na Escola. Antônio Costa observava que a editora, em sua 3ª edição de 2009, teve cuidado em relação à nova ortografia e aos problemas ambientais, mas não estendeu o zelo aos estereótipos raciais

presentes na obra.<sup>2</sup> Conforme texto da Conselheira Nilma Lino Gomes, relatora do Parecer do Conselho Nacional de Educação sobre a denúncia:

A crítica feita pelo denunciante baseia-se na legislação antirracista brasileira a partir da promulgação da Constituição de 1988, na legislação educacional em vigor e em estudos teóricos que discutem a necessidade e a importância do trabalho com uma literatura antirracista na escola, superando a adoção de obras que fazem referência ao negro com estereótipos fortemente carregados de elementos racistas. (CNE/CEB, 2010, p. 3)

Inicialmente o Conselho Nacional de Educação orientou a não distribuição da obra pelo seu conteúdo de estereotípias do negro e do universo africano, mas, após a intervenção do Ministério da Educação, o veto foi anulado e foi orientado que as edições constassem apenas de uma nota de orientação ao professor, sobre a necessidade de contextualização do momento histórico em que a obra havia sido escrita.

Monteiro Lobato inicia a sua literatura voltada ao público infantil com a história de Lúcia, a menina do nariz arrebitado, em 1921, em que inovava ao orientar a linguagem e os temas ao mundo lúdico infantil, ao mesmo tempo em que usava como pano de fundo as lendas e tradições do folclore brasileiro. Antes as histórias infantis publicadas no país eram apenas reproduções das histórias para adultos e dos clássicos da literatura europeia, tais como os contos de Grimm, Perrault e Andersen. Dessa forma, a importância de Monteiro Lobato na literatura infantil é inegável no que se refere ao estilo literário voltado especificamente ao público infantil, assim como à representação do homem do campo e a cultura regional em suas histórias. Mas se o autor inovou ao criar histórias para crianças em uma linguagem de seu interesse, e tendo como pano de

---

<sup>2</sup> Em 2009, a edição de *Caçadas de Pedrinho* recebeu uma explicação sobre legislação ambiental, visto que a caça à onça narrada pela história não era proibida à época de sua escrita. Esse cuidado, entretanto, não foi observado em relação à implementação de políticas para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

fundo as lendas e tradições do folclore brasileiro, manteve um estilo conservador e acrítico ao modelo social.

Para o Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (Iara) e para o autor da denúncia, mais do que uma orientação sobre o momento histórico em que tinha sido escrito, o uso do livro exigia que o professor soubesse falar sobre o racismo, o que demandava portanto uma ferramenta que orientasse esse debate de algo que hoje<sup>3</sup> se tornou um crime. Tal ferramenta deveria ser elaborada por especialistas, servindo de suporte para a promoção de uma educação antirracista. De acordo com o voto da relatora Nilma Lino Gomes:

É responsabilidade dos sistemas de ensino e das escolas identificar a incidência de estereótipos e preconceitos garantindo aos estudantes e à comunidade uma leitura crítica destes de modo a se contrapor ao impacto do racismo na educação escolar. É também dever do poder público garantir o direito à informação sobre os contextos históricos, políticos e ideológicos de produção das obras literárias utilizadas nas escolas, por meio da contextualização crítica destas e de seus autores.

Uma sociedade democrática deve proteger o direito de liberdade de expressão e, nesse sentido, não cabe veto à circulação de nenhuma obra literária e artística. Porém, essa mesma sociedade deve garantir o direito à não discriminação, nos termos constitucionais e legais, e de acordo com os tratados internacionais ratificados pelo Brasil (CEB/CNE, 2010, p. 8).

Apesar do parecer crítico da relatora ter declarado a existência do conteúdo estereotipado da obra, o debate na sociedade civil se deu no sentido da proibição da obra de Lobato. A mídia não contextualizou o debate e a relevância do tema na sociedade atual a despeito da

---

<sup>3</sup> Se desde 1951, com a Lei Afonso Arinos (Lei 1.390), o racismo é legalmente uma contravenção, apenas na Constituição de 1988 que se torna crime sujeito a pena de prisão, inafiançável e imprescritível.

importância de uma educação não racista. O olhar enviesado da sociedade ao que se refere a esta questão ficou exposto assim como a necessidade de políticas de ação afirmativa, que objetivem superar a situação de iniquidade ao mesmo tempo que evidenciem a realidade racial amenizada pela ideia da democracia racial.

O parecer final da relatora Nilma Gomes foi reexaminado e a nota explicativa que estava dando margem a interpretações equivocadas foi retirada, em seu lugar se acrescentou uma orientação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de contextualização do autor e da obra sobre a questão dos estereótipos raciais na literatura (CNE/CEB, 2011).

O debate que se formou a partir desse momento dividiu dois grupos, de um lado pesquisadores e críticos literários que viam nas histórias apenas o reflexo de um momento histórico em que Lobato viveu, o seu pensamento sendo coerente com sua época, não podendo dessa forma ser a ele atribuído o título de racista. Por outro lado, pesquisadores que percebiam nessas obras o preconceito e a estereotipia do negro, buscavam uma reflexão mais profunda sobre a questão. Embora sendo produto do seu tempo, não se pode negar que a construção das narrativas, personagens e ilustrações se davam tendo como base todo o racismo institucionalizado da época. Observa-se que o período em que Lobato escreve suas primeiras histórias para crianças é o mesmo em que Gilberto Freyre teoriza as relações raciais harmônicas no Brasil.

Se o racismo no Brasil se inicia no pré-abolição, com os debates das recém-criadas instituições públicas do país — museus, institutos históricos, escolas de direito e de medicina — que buscavam ajustar a realidade brasileira às teorias racialistas europeias visando manter a estabilidade das relações de poder no âmbito da abolição do estatuto de escravo (Schwarcz, 1993), é com Freyre que esse período irá ser finalizado com uma sentença confortável às elites, principalmente às do nordeste de maior miscigenação, ao diluir o discurso até então hegemônico da degeneração do mestiço na ideia culturalista das “relações raciais harmônicas” (Guimarães, 2004). Essa análise continuava

a se apoiar nas relações de hierarquia e imobilidade racial existentes, encobrando-as, já que as práticas racistas tornavam-se elemento fundamental para a delimitação de um *habitus* que aliava o lugar social à cor da pele.<sup>4</sup>

Próprio das relações harmônicas da democracia racial brasileira, n’*O Sítio do Picapau Amarelo*, Tia Nastácia era merecedora de carinho mas ao mesmo tempo era vista como uma coitada, por ser preta. Em um dos episódios de *Reinações*, em que as crianças apresentam um espetáculo, assim se dá o diálogo entre Pedrinho e Narizinho:

— Tia Nastácia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, por ser preta.

— Que não seja boba e venha — disse Narizinho — eu dou uma explicação ao respeitável público. (...) — Respeitável público, tenho a honra de apresentar (...) a Princesa Anastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então, o encanto quebrar-se-á e ela virará uma linda princesa loura. (*Reinações de Narizinho*, p. 75).

Nem mesmo o narrador comenta ou reprova a apresentação discriminatória de Narizinho, que aparece naturalizada. É exatamente a não problematização do contexto que torna essa e outras passagens problemáticas, visto que fortalece o discurso do racismo brasileiro, que dissimula e envolve o preconceito em uma convivência de aparentemente harmonia, dificultando o combate.

---

<sup>4</sup> Segundo Bourdieu (1983) o *habitus* é uma espécie de conhecimento prático que se forma pelo compartilhamento do mesmo sistema de ação e interpretação do mundo, e por sua vez é formado por ele. Este conceito será utilizado na análise proposta neste projeto, conforme explicitado mais à frente.

Em *Histórias de Tia Nastácia*, não só as características físicas negras são atacadas, mas também a questão social é apresentada e envolvida em uma depreciação do discurso popular. Em contraposição às demais histórias que ocorrem no Sítio do Picapau Amarelo, contadas por Dona Benta, em que a maioria dos personagens visitantes são das histórias europeias e da mitologia grega, neste livro Tia Nastácia conta histórias populares brasileiras sobre as quais as crianças e a boneca sempre buscam uma moral e uma explicação de desvalorização do povo negro. A inferioridade do papel cultural da cozinheira da família e da tradição oral nela encarnada é imputado e ressaltado a todo momento pelos personagens na recepção das histórias. Em um dos momentos Emília declara:

— Só aturo estas histórias como estudo da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas. Não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra beicuda, como Tia Nastácia. Não gosto. Não gosto e não gosto (*Histórias de Tia Nastácia*, p. 31).

Em outro conto do mesmo livro, Dona Benta fortalece a separação hierárquica entre a oralidade popular e o texto escrito:

Como não sabem ler, só entra na cabeça dos homens do povo o que os outros contam — e os outros só contam o que ouviram. A coisa vem assim num rosário de pais a filhos. Só quem sabe ler e lê os bons livros, é que se põe de acordo com os progressos que as ciências trouxeram ao mundo (*Histórias de Tia Nastácia*, p. 85).

O discurso popular é colocado como algo de menor valor pelas crianças a tal ponto que Tia Nastácia abandona a contação das narrativas populares, que é assumida por Dona Benta. Ao analisar o local da voz, na literatura brasileira, Dalcastagnè (2008, 2012) observa o território da língua e da literatura brasileira como um espaço de disputa que previamente é reservado apenas a uma parte da população, deixando de fora da

narrativa os negros, suas histórias e corporalidade, sobre os quais se pode falar, mas jamais ouvir. Com a tomada da voz a personagem negra é mantida em situação subalterna e estereotipada o que reforça e legitima as diferenças raciais. Narradas as histórias por Dona Benta, o lugar especial da literatura, enquanto espaço que constrói e valida as representações preconceituosas do mundo social, está resguardado e mantido fora do debate do racismo.

### **3 *Neguinho aí*:<sup>1</sup> a representação do negro nos livros infantis**

---

A importância do livro de literatura infantil na educação não se dá apenas como material auxiliar às disciplinas formais, visto que suas ilustrações e enredo orientam uma visão de mundo que reproduz valores e crenças. Longe de serem isentos de ideologias, os livros infantis reproduzem o enredo e as lógicas sociais, podendo orientar tanto o respeito à diversidade quanto a repetição da estrutura de hierarquia de poder social e racial. Desse modo, a representação positiva do negro e da cultura afro-brasileira nos livros infantis têm uma importância fundamental para a construção de um pertencimento étnico valorizado (Lima, 2005).

Uma marca da literatura infantil, assim como a literatura em geral, é a promoção do leitor como sujeito historicamente situado que dialoga com as normas sociais do seu tempo (Carvalho, 2006; Rodrigues, 2010), que podem ser introjetadas ou criticadas. Outro ponto importante tange às reflexões sobre o pertencimento racial, já que as imagens e as descrições dos personagens muitas vezes refletem e reforçam um padrão ideológico que pode ou não excluir (Arboleya, 2009a).<sup>2</sup> Esses dois aspectos, que muitas vezes aparecem combinados na trama do texto literário infantil, cumprem o papel de consolidar “valores culturais, morais e padrões de beleza reforçando ‘o ético e o estético’” (Abramovich apud Arboleya, 2009a) relacionados a uma cultura que se funda em valores eurocêtricos.

Sobre esses aspectos observa-se a homogeneidade das produções literárias brasileiras, não só na área de livros infantis, principalmente no que diz respeito à questão racial. De acordo com uma pesquisa realizada entre 1990 e 2014 com os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, 72,7% dos autores são homens, 93,9% são brancos e mais de

---

<sup>1</sup> PIMENTEL, Luis. *Neguinho aí*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009

<sup>2</sup> Aqui se enquadra também o pertencimento de gênero, mas a análise será restrita ao que tange às questões raciais.

60% vivem nos estados de Rio de Janeiro e São Paulo (Dalcastagnè, 2008, 2012). Dessa forma, os livros brasileiros têm um sexo, uma cor e uma classe social, que restringe a pluralidade de perspectivas sociais a serem retratadas no texto. Desde sempre a definição de literatura está voltada a um “espaço privilegiado de expressão” (Dalcastagnè, 2012, p. 16) direcionado à representação e legitimidade de modos de ser e estar no mundo de alguns grupos, e que dessa forma excluem outros que sempre aparecem representados e sem voz. Os autores negros buscam entrar nesse espaço de disputa, por entender a necessidade de uma literatura que passe pela incorporação de alguns elementos, tais como: a existência de um autor negro, a orientação para um leitor negro, uma consciência da linguagem e uma temática voltada para a “negrura”.<sup>3</sup>

A tradicional representação dos negros nos livros infantis no Brasil impossibilita a relação de pertencimento das crianças afro-brasileiras visto que a representação, tanto textual quanto iconográfica, sempre foi pejorativa e estereotipada, em que o personagem negro é desvalorizado e ocupa um papel de coadjuvante e subserviente<sup>4</sup>. A literatura infantil se dá como um produto ideológico que reafirma padrões e preconceitos socialmente dominantes, em que se destacam os preconceitos raciais gerados pela correlação entre valores estéticos e éticos que causam a internalização de uma imagem negativa dos negros em contraposição à imagem positiva dos brancos (Arboleya, 2009a, 2009b; Rodrigues, 2010). Essa correlação pode ser observada na análise do desenvolvimento da literatura infantil no Brasil.

Segundo Lajolo e Zilberman (apud Luft, 2010) a literatura no Brasil passou por quatro ciclos refletindo o desenvolvimento cultural do país. Os autores observam que o surgimento da literatura infantil, no fim do século XIX, esteve atrelado a um período de crescimento das “massas urbanas” e se caracterizou por refletir o projeto educativo ideológico do

---

<sup>3</sup> Conceito que Fausto (2008, p. 92) descreve enquanto noção textual que não pode “ser apreendida como essência e nem ser reduzida à cor da pele”, visto que enseja relações de poder e que se dá no corpo e no pensamento.

<sup>4</sup> Como foi analisado no capítulo anterior.

período. Sua marca era a reprodução adaptadas de clássicos da literatura europeia, tais como os contos de Grimm, Perrault e Andersen, mas também de autores da literatura hoje vista como adulta.

Essas autoras apontam como segundo momento a adoção de uma visão modernista, no qual Monteiro Lobato aparece como principal expoente apenas por inovar na orientação da linguagem e na utilização de temas do mundo lúdico infantil. O autor, apesar de usar como pano de fundo as lendas e tradições do folclore brasileiro, teria se mantido conservador e acrítico ao modelo social.

O terceiro ciclo correspondeu à expansão da escola e da indústria editorial e teve como característica a promoção da ligação moral entre família, escola e Estado. Apenas nos anos 1980, que marcam o início do quarto ciclo, com os debates no campo social e em decorrência do crescimento da indústria cultural, é que surgiu uma vertente infanto-juvenil mais crítica, tematizando questões sociais como o racismo e o preconceito.

Nos três primeiros ciclos os personagens não brancos são representados de forma estereotipada e “na contramão do progresso”: personagens como o caipira, o índio e o negro são representados como habitantes do mundo rural, de forma a enfatizar o atraso desse espaço em relação à modernização urbana (Arboleya, 2009b). Mesmo as representações dos negros do segundo ciclo, que buscava um maior realismo, assim como a utilização de uma linguagem própria ao público infantil, estavam repletas de preconceito e discriminação, impedindo a valorização e reconhecimento das crianças negras com tais personagens.

Apenas no quarto ciclo, sustentado pelas ressignificações do negro que os movimentos sociais levantaram, é que esses personagens passam a aparecer na literatura infantil com alguma forma de protagonismo. Nesse momento de mudança os livros assumem mais um caráter pedagógico do que literário.

Só recentemente, os personagens negros tornaram-se protagonistas e assumiram outros arquétipos literários (princesa ou príncipe, fadas etc.) saindo do debate meramente informativo, e passando a servir como referência positiva para a autoimagem das crianças negras, embora em alguns deles ainda persistam alguns estereótipos ou silenciamento de temas que refletem a estrutura social de um racismo institucionalizado. A mudança também se deu na maior oferta de temas relacionados à cultura afro-brasileira e africana, provavelmente uma resposta à necessidade de inserção da história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares, imposta pela Lei 10.639/2003.

#### **4 O baú das histórias:<sup>1</sup> análise dos livros encontrados na Biblioteca Municipal Rui Barbosa, em Valença**

---

Na Biblioteca foram selecionado 59 livros que correspondiam ao critério da pesquisa, de se observar livros infantis que tivessem negros entre os personagens, podendo ser ou não os seus protagonistas. Alguns apenas aparecem representados como negros nas ilustrações, visto que em nenhum momento da narrativa textual é feita uma referência à cor ou raça dos personagens. Nesse caso, muitos são orixás ou personagens de traduções de livros africanos.

Dessa amostra cinco livros com personagens negros em suas imagens ficaram de fora da análise, como por exemplo os de Monteiro Lobato, que se afastavam do período em que foi estabelecido para análise, embora na biblioteca constassem alguns números da sua coleção. Também *O gato e o escuro*, de Mia Couto; o *Olhar a África e ver o Brasil*, de fotografias de Pierre Verger, e *Os africanos e a culinária*, de Marlu Chaves por não terem personagens humanos em suas histórias. Dois se referindo à astuciosa de Ananse — *O baú das histórias* (2005); *Histórias de Ananse* (2006) — aranha que usa de várias artimanhas para alcançar seus objetivos, se dando bem em algumas histórias e sofrendo as consequências de sua má atitude em outras.

A invisibilidade dos negros não será analisada, visto que não se fará um contraponto com os demais livros existentes, mas se pode pensar sobre ela a partir da pequena quantidade de obras com personagens negros em uma biblioteca em uma região de maioria populacional negra, como o estado da Bahia e particularmente o Baixo Sul, historicamente uma extensão do Recôncavo. Outro ponto digno de nota é que, apesar da boa qualidade dos livros encontrados, alguns não tinham registro de leitura

---

<sup>1</sup> HALEY, Gail E. *O baú das histórias*. São Paulo: Global, 2005. (Crianças Criativas).

pelos usuários da biblioteca, sendo o meu o primeiro a constar da lista de retirada para empréstimo externo.<sup>2</sup>

Alguns critérios guiaram meu olhar nas leituras e análises dos livros: o tema tratado, a representação do personagem negro (se caracterizado no texto, se apenas imagética), e o lugar em que se passa a história (que, na maioria das vezes, coincide com a naturalidade do escritor). Por fim também foram observados a cor dos autores e as editoras que os acolheram.

Na amostra pesquisada, a maior parte dos livros tratava da diversidade cultural, apresentando temas como diferentes modos de convivência social, o respeito ao outro e à natureza estavam envolvidos, e em sua maioria as histórias têm como cenários os países africanos. Uma boa parte se refere à relação África - Brasil, apresentando novos valores para a cultura brasileira ao mesmo tempo que enaltecendo sua matriz africana. *Gosto de África - História de lá e daqui*, livro de Joel Rufino dos Santos, traz mitos, lendas e tradições africanas e também brasileiras, neste caso, principalmente sobre personagens esquecidos da história oficial. As histórias são ditas, em uma linguagem de fácil compreensão, aproximando-se da tradição africana da história oral.

Uma boa história pode começar de qualquer maneira. Esta começa com uma quitandeira da Bahia. Chamava-se Luísa. O sobrenome deixo pra depois. Luísa era pequena, bem negra e tinha os lábios roxos...

Em *Kofi e o menino de fogo*, Nei Lopes escreve em memória do malinês Amadou Hampaté-Bâ, que foi membro do Conselho Executivo da Unesco de 1962 a 1979, contando um episódio inspirado em sua vida. A história retrata um encontro de duas crianças e suas crenças sobre o outro, e mostra que a melhor forma de conhecer as pessoas é encontrando e conhecendo-as.

---

<sup>2</sup> Observo, no entanto, que as leituras feitas na própria biblioteca não são registradas.

Kofi era um menino pretinho que nunca tinha visto no mundo ninguém que não fosse pretinho igual a ele.

Pode-se perceber nesses livros é que a “reafricanização” da cultura brasileira aponta para um processo de disputa simbólica em que o próprio significado de África ocupa um lugar central. Assim, nos livros escritos por brasileiros, encontrados na Biblioteca, muitos títulos se referem à África como lugar de uma tradição que precisa ser resgatada pelos descendentes de africanos na diáspora como âncora identitária.

Outros temas, que aparecem em menor quantidade, são preconceito e desigualdade (cinco histórias), liberdade e escravidão (duas histórias) e contos de fada (duas histórias).

Os que se enquadram no tópico liberdade e escravidão se referem às passagens históricas tais como *O rei preto de Ouro Preto*, escrito por Sylvia Orthof, que conta a história de Chico Rei, líder no reino do Congo e que foi trazido como escravo ao Brasil. Escrito em forma de poesia, dita pelo anjo de uma igreja mineira que foge diante dos horrores dos tratamentos dados aos negros, livro conta a história do Brasil e fala de luta e liberdade.

*Pretinha das Neves e os sete gigantes* é um livro de referências de várias histórias infantis — Branca de Neves, João e Maria, Chapeuzinho Vermelho e Cachinhos dourados. A história é escrita com muito humor e linguagem atualizada e a África é apresentada apenas um lugar em que a história pode se passar. Rubem Filho escreve para meninas negras e brancas ao contar sobre a princesinha africana, do Monte Kilianjaro, que foge porque é solitária e não tem com quem brincar.

Outra história de princesa moderna, é *Valentina*, de Márcio Vassalo. A princesinha vive em um castelo no alto de um morro, longe de tudo, onde ela era protegida das durezas do mundo. As imagens vão revelando junto com o texto a cor da princesa e que, na verdade, o sonho do conto de fadas esconde uma realidade muito desigual, ao mostrar o morro distante e protetor como uma favela carioca.

E mesmo como os dragões do lugar apavoravam todo mundo e cuspiam fogo e barulho para todos os lados, a rainha e o rei cercavam o castelo com pensamentos bem esticados e acalmavam a filha, contando histórias para ela dormir.

A primeira princesa nos remete aos clássicos, sua cor não interfere em sua realeza; a segunda nos traz a realidade de um mundo em que a cor está atrelada a uma desigualdade social.



Figura 1: Pretinha das Neves conversa com o tacho sobre conhecer o mundo fora do castelo



Figura 2: A princesa moderna também quer sair do castelo

Outra forma de olhar os temas dos livros, é a partir do local em que os livros foram escritos. Nos livros africanos publicados no Brasil, independentemente do seu país de origem, os temas são amplos e se referem de modo geral à história e à cultura da África em que questões como solidariedade, convivência social e a relação com a natureza são enaltecidos, assim como a diversidade religiosa.

Fora desse tema, podemos pontuar *O chamado de Sosu*, do ganense Meshack Asare. O contexto é africano, especificamente da África Ocidental, e conta a história da segregação que uma criança deficiente física sofre em sua aldeia: além de não poder participar das atividades sociais, é vista como fonte de azar. Diante de uma situação inusitada, um forte temporal que ameaça sua aldeia, Sosu muda a sua sorte. O livro é

escrito em discurso indireto livre, em que o narrador retoma as falas e o pensamento de Sosu e do seu cãozinho. Embora Sosu não traga todos os elementos que o coloquem como um personagem redondo, também não se encaixa na tipificação ou caricatura de um personagem plano (Gancho, 2002). As suas características ideológicas e morais é que conduzem à mudança na trama. O livro traz anexo um mapa que localiza a aldeia e um vocabulário da cultura africana, como contextualização, já que o tema é a convivência social e a aceitação das diferenças.

O *Chamado de Sosu* faz parte da *Coleção Cantos do Mundo*, da SM Edições, fundada em 2014. Embora o objetivo da coleção seja relatar histórias orais ou escritas dos cinco continentes, na biblioteca foram encontrados apenas livros relacionados às histórias africanas.

Apesar de relatarem histórias passadas em países africanos, nota-se que nem todos os seus autores o são ou ainda moram em seu país de origem, o que deixa a dúvida se os livros foram publicados também naquele continente. *As panquecas de Mama Panya*, história que valoriza a solidariedade da vida comunitária no Quênia foi escrita por Mary e Rich Chamberlin, escritores norte-americanos. Destes dois, apenas *O Chamado de Sosu*, que aparece no 12º lugar numa lista dos cem melhores livros africanos (informação que vem no próprio livro), foi publicado inicialmente no continente africano. *As panquecas de Mama Panya* foi traduzido para o suaíle e publicado no Quênia, no ano seguinte a sua primeira edição, estadunidense.

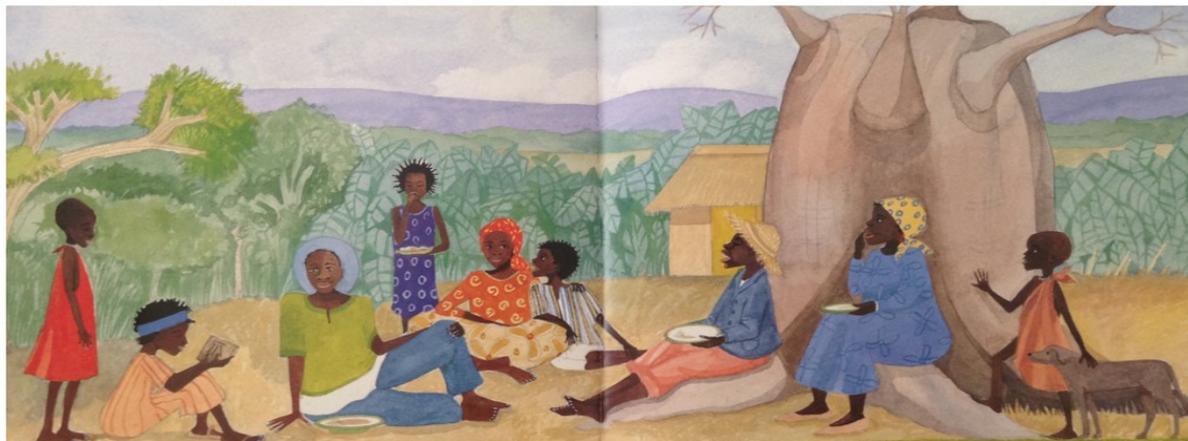


Figura 3: Todos se encontram para comer panqueca perto do baobá

Da SM Edições ainda foram encontrados outros livros, voltado ao resgate africano na cultura brasileira, como por exemplo os da *Coleção Histórias do Okú Láilái* (histórias dos tempos antigos) — voltada à construção da identidade negra. Composta por quatro livros, embora sejam voltados ao resgate cultural africano são escritos pela brasileira Carolina Cunha. Encontra-se na Biblioteca os livros *Eleguá e a sagrada semente de cola* e *Yemanjá*, ambos de 2007.

Outra coleção com muitos exemplares na Biblioteca é *Árvore Falante*, congregando livros de africanos e brasileiros ambientados na África, em que seu acervo teve sua primeira edição entre 2005 e 2009.

A maioria dos livros era voltada ao público infantil, sendo que apenas seis se direcionavam aos adolescentes, a julgar pela complexidade de sua escrita e de seus temas. Nesses casos, percebe-se um discurso mais social, envolvendo temas como desigualdade e injustiça, como os tratados em *Benedito* (2005), de Hugo Monteiro Ferreira, e em *É só querer* (1993), de Pedro Pessoa — este último premiado com o troféu Adolfo Aizen pela União Brasileira de Escritores (UBE) e classificado como altamente recomendável para o jovem pela Federação Nacional do Livro Infanto-Juvenil (FNLIJ).

*Tem gente com fome* (2008), escrito a partir da poesia do mesmo nome de Solano Trindade, poeta pernambucano da resistência negra, em comemoração aos 100 anos de seu nascimento, apesar do mesmo tema

desigualdade e injustiça social, volta-se ao público de todas as idades. Retratado com desenhos de Cíntia Viana e Murilo Silva, o livro relata a volta de trabalhadores no trem da Leopoldina, no Rio de Janeiro, e a sua fome de comida, de afeto e de justiça. Alguns adendos foram feitos ao texto do poeta, como nas partes entre parênteses do trecho abaixo:

Vigário Geral

Lucas

Cordovil

(fome de brincar)

Brás de Pina

Penha Circular

Estação da Penha

(de amor) (TRINDADE, 2008, p. 18)

## Conclusão

É inegável que houve um aumento nos números das publicações literárias infantis com personagens negros. As várias listas, já citadas, que a todo momento aparecem nas redes sociais nos permitem afirmar. Mas a pergunta que restou e que precisa ser analisada é: será que esse aumento das publicações foi suficiente para contribuir para a implementação da Lei 10.639/2003?

Se o intuito da Lei é fazer com que tanto a história e cultura africana quanto as matrizes africanas na história e cultura brasileira sejam de conhecimento da população brasileira, podemos concluir que o caminho quem vem sendo trilhado está direcionado a sua real implementação. As histórias aqui analisadas são pertencentes a uma biblioteca municipal de uma região que se autodeclara majoritariamente negra, indicando que a proposta da Lei, de divulgação desse conhecimento às crianças, ao menos em alguns municípios, está sendo proporcionada.

Em alguma medida, a mudança na forma com que a literatura infantil publicada no Brasil retrata os personagens negros já começa a ser notada. Em uma pergunta informal a adultos de em torno de 40 anos de idade sobre quais os personagens negros dos livros de sua infância, as respostas giraram em torno do Saci, Tia Nastácia e Tio Barnabé, além do Negrinho do Pastoreiro.

A mesma pergunta foi feita, também informalmente durante uma aula, a adolescentes entre 16 e 19 anos, em três turmas do terceiro ano do campus Valença do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBaiano), onde ensino, a maioria lembrou do personagem de animação cinematográfica Kiriku, alguns fizeram referência a *Menina Bonita do Laço de Fita*, livro de Ana Maria Machado escrito em 1994, e poucos falaram do Saci. Uma garota se referiu ao Negrinho do Pastoreiro, como uma história triste de um ex-escravo que foi colocado sobre o formigueiro para morrer, contada por sua avó, mas não se recordava o

nome do personagem. Kiriku e a Menina Bonita são narrativas que utilizam positivamente tanto os marcadores “culturais” quanto os “naturais”.

A análise, embora com uma pequena amostra, também permite chegar a um indicativo de que as editoras, além dos vários autores, estão atentas ao nicho de mercado criado pela Lei, o que contribui indiretamente para a sua implementação. Embora nem sempre possamos conferir isso nas prateleiras das livrarias, os catálogos das editoras e suas várias coleções voltadas à cultura africana demonstram um olhar mais atento a essa necessidade.

No entanto, entende-se que, atrelado a esse objetivo de transmissão do conhecimento sobre as nossas matrizes africanas, a Lei também objetiva gerar um aumento de autoestima e valorização da população negra. Continuar associando o corpo negro aos marcadores históricos da escravidão fortalece a estigmatização de suas características fenotípicas, conservando o preconceito e a discriminação. Para essa análise torna-se necessário saímos do quantitativo, e adentramos no campo do conteúdo dos livros publicados, e nesse caso, mesmo a partir de uma pequena amostra é possível apontar falhas em algumas publicações. Os principais pontos que acredito estarem relacionados a essas falhas podem ser enunciados na forma de duas perguntas: quem é o negro de quem se fala? e para quem é escrito o livro?

Essas questões tornam-se importantes, pois se a construção do negro na história e cultura brasileira, assim como na literatura infantil, anterior à Lei precisava ser revista exatamente porque mantinha uma divisão e classificação social em que as marcações corporais do negro eram constituídas a partir de uma história de escravidão e embranquecimento, gerando sentidos e consensos de exclusão, os livros e a história a ser contada após 2003 precisaria tornar possível uma diferente representação e classificação do mundo em que o negro se autorrepresentasse. A implementação da Lei dessa forma passa pelo

direito de construir a enunciação do mundo, pelo direito à voz na sua autorrepresentação.

A experiência vivenciada por um corpo negro possivelmente traz todas as implicações sociais dos olhares, conceitos e posições decorrentes das relações de raça no Brasil. O corpo, enquanto local de um conhecimento prático, revela lugares sociais em que perpassam as compreensões e os consensos sobre a dinâmica social como um todo e as relações raciais em particular, de forma que a representação dessa corporalidade, seja ela textual ou iconográfica, necessita uma maior aproximação existencial com o que é ser negro.

A maior parte dos autores brasileiros ainda é branca e masculina, o que se reflete na produção do discurso e na construção dos personagens. Por não ter a vivência do corpo negro que perpassa olhares, conceitos e posições decorrentes das relações de raça no Brasil, essa construção tende a cair em estereótipos diversos. O corpo é um local de conhecimento prático, e com isso revela lugares sociais pelos quais perpassam as compreensões e os consensos sobre a dinâmica social como um todo e as relações raciais em particular.

Saber quem ocupa o lugar da fala importa para compreender os silêncios e a marginalização que ocorrem nas representações de determinados grupos negativamente valorados. De acordo com Dalcastagnè, o autor pode manusear as representações sociais de três formas:

- (a) incorporar essas representações, reproduzindo-as de maneira acrítica;
  - (b) descrever essas representações, com o intuito de evidenciar seu caráter social, ou seja, de construção;
  - (c) colocar essas representações em choque diante de nossos olhos, exigindo o nosso posicionamento.
- (2007, p. 19)

Dessa forma é que encontramos o negro e a Bahia descritos de forma completamente estereotipada em *Cosme: o afro-baianinho em "gringo à bolonhesa"*, livro de Solange Follador. A autora, branca, baiana, parte de

um bom argumento para tratar a diversidade cultural, mostrar o contexto histórico e cultural da Bahia a partir de um encontro entre duas crianças de 10 anos que se conheceram através da internet. Cosme é baiano e tem uma conversa formal com a mãe sobre diferenças raciais e as expectativas culturais no aeroporto ao esperar seu amigo que vem do Paraná, em que se evidencia uma segurança existencial refletida numa ansiosa necessidade de aceitação e validação pelo branco. O personagem de Cosme é caricato: é negro por ser baiano, tem trancinhas com búzios nos cabelos, faz capoeira e toca berimbau, é filho de mãe de santo (Ialorixá), logo a sua religião é o candomblé, e seu pai trabalha como taxista para sustentar a família. Quando vai à praia, Cosme não precisa de protetor, mas se preocupa com a pele de seu amigo, que é branca. Sua família come comida de azeite, todo santo dia.

O livro de Marciano Vasques, *Rufina*, recai em outro erro, o da falta de cuidado com a retratação iconográfica da personagem. O livro fala sobre preconceito, representação de papéis sociais e respeito às diferenças, e Rufina é uma personagem melhor elaborada. Na escola, a professora pede para a turma desenhar uma fada, e Rufina reflete sobre o porquê de as fadas serem todas iguais, retratando a sua de forma diferente, como ela mesma. As pinturas serão expostas para apreciação da turma, mas Rufina se retrai com receio da recepção dos colegas e é a última a colocar o desenho no mural, já na saída para o recreio. Só na volta do recreio o texto fala sobre a cor da personagem. A sua fada negra é revelada e seu receio da recepção dos colegas se concretiza, mas a professora reverte a situação elogiando e parabenizando a diversidade a partir da fada de Rufina.

O autor branco Marciano Vasques escreveu uma boa história para se falar das diferenças raciais, evidenciando o poder social dos brancos de referendar a aceitação dos negros, o que pode ser remetido à segunda forma de tratamento descrita por Dalcatagnè mais acima. Entretanto, o ilustrador Osório Garcia, também branco, representa a protagonista de um jeito caricato e pouco cuidadoso para um texto que trata da diferença

racial, exagerando os marcadores fenotípicos tanto de Rufina quanto de sua fada, em consonância com as representações de cabelos, lábios e narizes comuns na iconografia colonial sobre a África e francamente racista sobre os afrodescendentes nas Américas. Isso dificulta uma aproximação de referência pelas crianças e levanta a questão sobre os significados das imagens que o ilustrador tem sobre os negros. Sabendo que os traços físicos funcionam como sinal de distinção e que a sua naturalização dificulta a percepção da violência simbólica que estigmatiza, as imagens retratadas de Rufina terminam por fortalecer um modelo diferenciador.

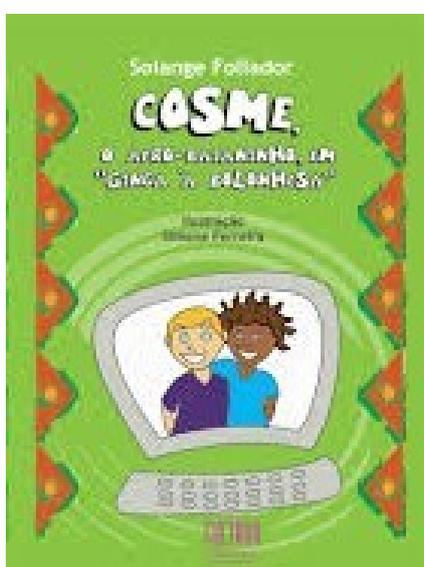


Figura 4: *Cosme, o afro-baianinho* (capa)

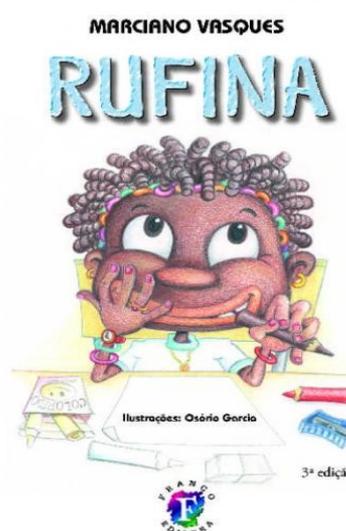


Figura 5: *Rufina* (capa)

Os problemas nos dois livros acima nos orientam na direção da segunda questão levantada: para quem é escrito o livro? Para que um livro possa contribuir para a construção identitária da criança negra, ele não precisa ser necessariamente escrito por negros, mas precisa ser escrito para crianças negras, ou para as crianças, independente da sua cor.

Nos dois casos apresentados acima fica claro que a escrita se direciona a crianças que não se veem como negras, visto que os personagens negros, embora protagonistas, são retratados num processo de alterização, como “o outro”. Em *Cosme* os leitores irão sonhar com a viagem à Bahia feita por Angelo, já em *Rufina*, irão refletir sobre a diferença e o respeito ao

diferente, mas, mesmo que se tornem solidários, a perspectiva social se dá de um lugar diferente. Investe-se numa solidariedade condescendente, e não igualitária.

Para finalizar, gostaria de comentar mais um último livro, *Os cabelos de Lelê*, de Valéria Belém, uma autora também branca. O livro trata da representação social dos negros enfatizando um aspecto corporal e estético (o cabelo) como um ícone identitário que muitas vezes é desvalorizado e que interfere na percepção identitária, principalmente das meninas, devido à aceitação quase unânime entre as mulheres, no Brasil, do uso dos cabelos escovados ou alisados, que reflete uma luta pela aquisição de um *habitus* de cor que confere uma posição de maior *status*.

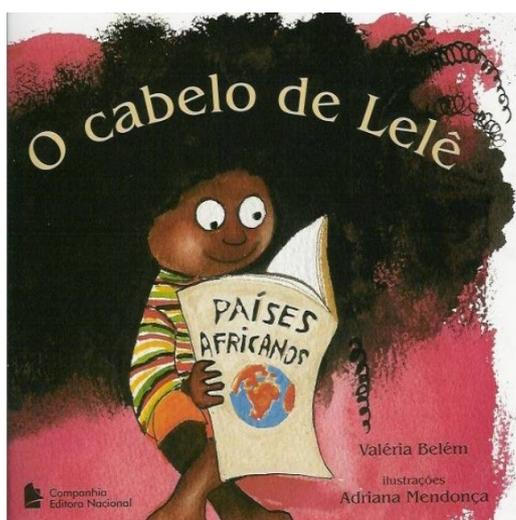


Figura 6: *Os Cabelos de Lelê* (capa)



Figura 7: A garota e o livro *Países da África*

A narrativa propõe um ritmo que conduz a uma aproximação com a menina Lelê, que no texto e nas imagens vem quebrando lugares-comuns na construção social da menina negra. Lelê usa shorts e tem os cabelos soltos, anda de bicicleta e busca nos livros as soluções para seus questionamentos. E o questionamento é o cabelo: “Lelê não gosta do que vê!” e acha que os seus tantos cachinhos não têm jeito. Mas se a garota se depara com a exigência de viver com valores identitários, culturais e estéticos valorizados como melhores e mais belos, sua intenção não é se

modificar para se adaptar às exigências das alteridade, mas o de entender de onde vêm seus cabelos, por que são assim. E busca a leitura como orientação.

— De onde vem tantos cachinhos?, a pergunta se mantém.

“Toda pergunta exige uma resposta. Em um livro vou procurar!”, pensa Lelê num canto a cismar.

O livro buscado, com o qual aparece abraçada, é um livro de países africanos. Ao ler o livro e as histórias da África a garota vai atribuindo valor ao seu cabelo.

Puxado, armado, crescido, enfeitado  
 Torcido, virado, batido, rodado  
 São tantos cabelos, tão lindos, tão belos!

Assim, os cabelos da menina vão ocupando, a cada página, maior espaço do desenho, ao mesmo tempo em que ela percebe que a história de seu cabelo está atrelada à sua ancestralidade.

A partir do descontentamento, socialmente imposto, com o seu tipo de cabelo, Lelê

Descobre a beleza de ser como é  
 Herança trocada no ventre da raça,  
 Do pai, do avô, de além-mar até

O livro não é moralizante e nem tem a personagem Lelê reproduzida de um jeito especialmente belo, com os seus grandes olhos de bola que apontam para um aspecto reiterado na representação iconográfica de personagens infantis em animações e quadrinhos. Os desenhos de Adriana Mendonça encantam pelas cores e pelos tantos modelos de cabelos cacheados que enfeitam o livro ao representar a incorporação do ser negra por Lelê. Texto e imagens se fortalecem mutuamente na construção identitária da garota e também abrem reflexões sobre a

aceitação por si própria como pré-requisito para uma experiência social marcada pela diferença mas também pela equipotência.

O livro dialoga com a criança negra, mas ao mesmo tempo dialoga com todas as meninas e a atual estética de longos cabelos, ao finalizar com a imagem de Lelê abraçada a outras duas garotas, todas cabeludas (uma negra, uma ruiva e uma loira), e com o questionamento do narrador: “Lelê ama o que vê! E você?”

É verdade que muitas perspectivas sociais são silenciadas e invisibilizadas por falta de uma representação, e ainda é imensa a homogeneidade racial na literatura, tanto em termos de autores quanto de personagens. Por exemplo, em muitos dos livros ambientados no Brasil, os personagens negros estão sozinhos ou minoritários diante de uma sociedade envolvente supostamente branca. Isso é especialmente relevante quando cerca de 52% da população brasileira é negra, e em alguns estados esse percentual médio varia entre 60 e 80%. De toda forma, a atenção às questões prioritárias do que fala a Lei 10.639/2003 começam a se tornar mais evidentes em muitos livros infantis.

Algumas dessas novas personagens já começam a ser conhecidas, seja através dos pedidos das escolas ou através dos pais de crianças negras que buscam nos livros de literatura aumentar-lhes o arsenal de valores positivos e de perspectivas sociais. Não há recorte temático mais correto do que outro, mas é preciso pensar para quem se direciona a história que está sendo contada, e dessa forma sair dos modelos estereotipados e dos lugares sociais estabelecidos.

## Referências bibliográficas

- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na Filosofia da Cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ARBOLEYA, Valdinei José. O negro na literatura infantil: apontamentos para uma interpretação da construção adjetiva e da representação imagética de personagens. *Revista África e Africanidades*, v. 4, p. 37-47, 2009a.
- ARBOLEYA, Valdinei José. Questões de literatura infantil e afrodescendência: o poder de ação do personagem negro nas áreas de decisão de narrativa. *Revista África e Africanidades*, v. 4, p. 48-59, 2009b.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 187-227.
- BOURDIEU, P. Prefácio. Um analista do inconsciente. In: Sayad, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998, p. 9-12.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: Renato Ortiz (org.). *Pierre Bourdieu*. (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática. p. 46-81, 1983.
- CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. A leitura da literatura na escola: o lugar da criança como sujeito sócio-histórico. In: AGUIAR, Vera T.; MARTHA, Alice A. P. (org.) *Territórios da leitura: da literatura aos leitores*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.
- CONSELHO Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica (CNE/CEB). *Parecer nº 15/2010*, aprovado em 1 set. 2010.
- CONSELHO Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica (CNE/CEB). *Parecer nº 6/2011*, aprovado em 1 jun. 2011.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dez. 2007.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Brasília, n. 31, jan./jun. 2008, p. 87-110.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. In: Besse, Maria Graciete et al (Coords.) *La littérature brésilienne contemporaine Iberic@l*. Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, 2012, n. 2, p. 13-18.
- DÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil - 1917-1945*. São Paulo: Unesp, 2006.

- DEBUS, Eliane Santana Dias. As demandas da Lei 10.639/2003 e o mercado editorial brasileiro para a infância. In: AZEVEDO, Fernando et al. (coord.). *Globalização na literatura infantil: vozes, rostos e imagens*. Raleigh, N.C.: Lulu Entreprises, 2011. p. 407-418.
- DUARTE, Eduardo de Assis e FONSECA, Maria Nazareth Soares (orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, Belo Horizonte, UFMG, 2011. p. 45-70.
- ELIAS, Norbert. e SCOTSON, John. L. *Estabelecidos e Outsides: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FAUSTO, Antônio. As noções textuais da negrura na série Cadernos Negros. In: QUILOMBOHOJE. *Cadernos Negros: três décadas*. São Paulo: FNC/MC, 2008 p. 81-93.
- FISCHER, Fernando [et al.]. *Baixo Sul da Bahia: uma proposta de desenvolvimento territorial*. Salvador: CIAGS/UFBA, 2007.
- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2002;
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 47, n. 1, 2004.
- LIMA, Heloisa Pires. Personagens Negros: Um Breve Perfil na Literatura Infante-Juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (org.) *Superando o Racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- LUFT, Gabriela. *A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 36, 2010, pp. 111-130. Universidade de Brasília: Brasília, Brasil.
- MACAMO, Elísio. Diaspora as mission: the concept of Africa among returned slaves. In: *The Berlin-Congo Conference 1884: the partition of Africa and implications for Christian Mission today*. Berlim: CCCAAE, 2003.
- MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 399-422.
- MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. *Estudos afro-asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, jun. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-546X2001000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2001000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 17 out. 2014.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. O Corpo. In: *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 111-212.
- MUDIMBE, Valentin Yves. *A invenção de África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Mangualde: Pedagogo; Luanda: Mulemba, 2013.

RODRIGUES, Poliana R. S.; AQUINO, Mirian de Albuquerque. A (in)visibilidade da pessoa negra na literatura infantil: (im)possibilidades de afirmação da identidade afrodescendente na escola. *Cadernos Imbodeiros*. v. 3, n. 2, 2010.

SARAIVA, Sueli da Silva. *Educação étnico-racial: formação para a diversidade*. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2011.

SCHWARCZ, Lilian Mortz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Jahelina Almeida. *Olho e não me reconheço: a criança negra na literatura infantil. Inclusive: inclusão e cidadania*. 11 nov 2010. Acesso: 05/09/2015 Disponível em: <<http://www.inclusive.org.br/?p=17931>>

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Fundação Ford, 2003.

## Fontes

- ANGELLES, Jean. *Era uma vez na África*. Brasília: LGE, 2007.
- ASARE, Meshack. *O chamado de Sosu / L'appel de Sosu*. São Paulo: SM, 2005. (Cantos do Mundo).
- BARBOSA, Rogério Andrade. *ABC do continente africano*. São Paulo: SM, 2007.
- BARBOSA, Rogério Andrade. *Contos africanos para crianças brasileiras*. São Paulo: Paulinas, 2008. (Árvore Falante).
- BELÉM, Valéria. *O cabelo de Lelê*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.
- BODOE, Adwoa; DIAKITÉ, Baba Wagué. *Histórias de Ananse*. São Paulo: SM, 2006. (Cantos do Mundo).
- CHAMBERLIN, Mary e Rich. *As panquecas de Mama Panya*. São Paulo: SM, 2005. (Cantos do Mundo).
- CHAVES, Marlu. *Os africanos e a culinária*. Salvador: Cultura editorial, 2006. (Afropedagógica).
- CRUZ, Nelson. *Chica e João*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- CUNHA, Carolina. *ABC Afro-brasileiro*. São Paulo: SM, 2008.
- CUNHA, Carolina. *Eleguá e a sagrada semente de cola*. São Paulo: SM, 2007.
- CUNHA, Carolina. *Yemanjá*. São Paulo: SM, 2007. (História do Oku Lai Lai).
- CUNHA, Leo; COELHO, André Salles. *Pão e Circo*. São Paulo: Atual, 2002. (Mindinho e seu Vizinho).
- DALI, Niki. *Cadê você, Jamela?* São Paulo: SM, 2006.
- DALI, Niki. *Feliz aniversário, Jamela*. São Paulo: SM, 2009.
- FERREIRA Hugo Monteiro. *Benedito*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Mundo encantado).
- FOLLADOR, Solange. *Cosme: o afro-baianinho em "gringo à bolonhesa"*. Salvador: Cultura editorial, 2009.
- GALDINO, Christianne. *Brasil africano: frevo*. Recife: Construir, 2009.
- GALRÃO, Iray. *Lendas Africanas*. Salvador: Kalango, 2009.
- GOMES, Lenice *et al.* *Nina África: contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades*. São Paulo: Elementar, 2008.
- HALEY, Gail E. *O baú das histórias*. São Paulo: Global, 2005. (Crianças Criativas).

- JORGE, Carlos. *Saci, moleque saci*. Juiz de Fora: Franco, 2010. (Confabulando).
- LEÃO, Marlu Chaves. *A criação do mundo*. Salvador: Cultura editorial, 2006. (Afropedagógica).
- LEÃO, Marlu Chaves. *Os orixás*. Salvador: Cultura editorial, 2010. (Afropedagógica).
- LIMA, Fábio. *Conto do dia 4 de dezembro*. João Pessoa: Grafset, 2011.
- LIMA, Fábio. *Iansã*. João Pessoa: Grafset, 2012. (Orixás infantis).
- LIMA, Fábio. *Oxóssi*. João Pessoa: Grafset, 2012. (Orixás infantis).
- LIMA, Heloísa Pires (Org). *A semente que veio da África*. São Paulo: Salamandra, 2005.
- LIMA, Heloísa Pires. *O comedor de nuvens*. São Paulo: Paulinas, 2009. (Árvore Falante).
- LIMA, Heloísa Pires. *O espelho dourado*. São Paulo: Peirópolis, 2003. (Pescados de história na África).
- LINS, Claudia. *Lendas do Velho Chico*. Juiz de Fora: Franco, 2008.
- LOPES, Nei. *Kofi e o menino de fogo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.
- MACEDO, Aroldo. *Luana: a menina que viu o Brasil nenê*. São Paulo: FTD, 2000. (As aventuras de Luana).
- MENDES, Cleise Furtado. *Gabriel e o anjo da bagunça*. Salvador: Camaurê, 2011.
- MHLOPHE, Gcina. *História da África*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Tecendo histórias).
- MORALES, Yuyi. *Só um minutinho: um conto de esperteza num livro de contar*. São Paulo: FTD, 2006. (Arca de Noé).
- NETTO, Adriano Bitarães. *A era dos erês: uma era ao cultor da natureza e dos orixás*. s.l.: Mazza, 2010.
- ORTHOF, Sylvia. *O rei preto de Ouro Preto*. São Paulo: Global, 2008.
- PAES, J. Paulo. *História do Brasil na poesia de J. Paulo Paes*. São Paulo: Global, 2006.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Os reizinhos do Congo*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Árvore Falante).
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Rua Luanda*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Árvore Falante).
- PEREIRA, Édimo de Almeida. *Contos de Mirábile*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- PESSOA, Pedro (pseud. Gabriel Lacerda). *É só querer*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- PIMENTEL, Luis. *Neguinho aí*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

RUBEM FILHO. *Pretinha das Neves e os Sete Gigantes*. São Paulo: Paulinas, 2009. (Árvore Falante).

RUMFORD, James. *Chuva de manga*. São Paulo: Brink-book, 2005.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Gosto de África: história de lá e daqui*. São Paulo: Global, 2005.

SANTOS, Joel Rufino dos. *O presente de Ossanha*. São Paulo: Global, 1997.

SILVEIRA, Maria José. *Floriana e Zé Anibal no Rio do Bota-abaixo na época da República*. Belo Horizonte: Formato, 2005.

SUNNY. *Contos da Lua e da Beleza Perdida*. São Paulo: Paulinas, 2008. (Árvore Falante).

SUNNY. *Ulomma: a casa da beleza perdida e outros contos*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Árvore Falante).

THEODORO, Helena. *Os ibejis e o carnaval*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

TRINDADE, Solano. *Tem gente com fome*. São Paulo: Nova Alexandria, 2008.

VASQUES, Marciano. *Rufina*. Juiz de Fora: Franco, 2010. (Arco-íris).

VASSALO, Márcio. *Valentina*. São Paulo: Global, 2007.

VERGER, Pierre. *Olhar a África e ver o Brasil*. São Paulo: Nacional, 2005. (Olhar e ver).